

Nesta edição são comentados os resumos dos trabalhos vencedores do Prêmio Jovem Gastro - versão 2010 e aproveitamos a oportunidade para convocar os candidatos ao Prêmio Jovem Gastro - versão 2011, cujo regulamento se encontra no site da Federação Brasileira de Gastroenterologia (FBG). O Prêmio Jovem Gastro é uma iniciativa da FBG, cujo objetivo é de aproximar, congrega e estimular os jovens iniciantes da especialidade. Serão aceitos relatos de casos clínicos cujo primeiro autor seja médico que esteja sob treinamento, ou tenha concluído estágio ou residência médica nos últimos 3 anos na área de Gastroenterologia, incluindo Cirurgia do Aparelho Digestivo e Gastropediatria. Outras informações e inscrição on-line no site www.fbg.org.br. Jovens Gastroenterologistas, inscrevam-se!

Paulo Roberto Arruda Alves

Editor Chefe Revista GED

RESUMOS

Estudo epidemiológico, clínico e molecular do vírus da hepatite B na cidade de Chapecó, Oeste de Santa Catarina

Maria Luiza da Nova, Paulo Dominguez Nasser, Helena Scavone Paschoale, Marcelo Moreira Tavares de Souza, Camila da Silva Ferreira, Flair José Carrilho, Suzane Kio-ko Ono-Nita / Departamento de Gastroenterologia Clínica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Introdução: A hepatite B é uma das doenças infecciosas mais prevalentes no mundo, controlada em países onde a vacinação foi implantada, porém permanece alta em populações de risco e em países onde a transmissão vertical e horizontal intradomiciliar ainda persiste. O estado de Santa Catarina é considerado hoje uma região de alta endemicidade para o VHB, tem uma prevalência estimada de AgHBs em doadores de sangue de 1,14%, o que é consideravelmente maior do que aquela estimada para o Brasil (0,61%). Em Chapecó, oeste de Santa Catarina, a prevalência do AgHBs em doadores de sangue foi de 3,2% em 1999, 1,63% em 2000 e 1,54% em 2001, significativamente maior do que em outras cidades do Estado. **Objetivos:** Estudar os portadores de hepatite B crônica no município de Chapecó, a fim de possibilitar o conhecimento das características epidemiológicas, clínicas e laboratoriais do vírus nesta região de alta endemicidade. **Métodos:** Estudou-se dois grupos de portadores de hepatite B crônica naquela região. O primeiro grupo (Grupo A) foi composto pelos casos notificados no ano de 1996 e o segundo grupo (Grupo B) foi composto pelos casos notificados no ano de 2006. **Resultados:** Dos 352 pacientes notificados nos anos de 1996 e 2006 como portadores de hepatite B crônica no município de Chapecó, 150 pacientes foram elegíveis após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão. A média de idade na época da notificação do grupo A foi de 29,9 anos (\pm 10,3) e do grupo B foi de 34,9 anos (\pm 11,9). O principal meio de diagnóstico foi após doação de sangue, sendo 53,6% de pacientes no grupo A e 34,8% de

pacientes no grupo B. A maioria nasceu na região oeste de Santa Catarina, sendo a cidade de Chapecó a mais frequente. Seus familiares são naturais, em sua maioria, do Estado do Rio Grande do Sul, sendo que 96,4% dos pacientes do grupo A e 86,4% do grupo B apresentavam AgHBe negativo. A maioria dos pacientes nos dois períodos estudados apresentava valores de ALT até 2x o LSN, sendo que 60,2% dos pacientes AgHBe negativos do grupo A apresentavam carga viral \leq 2.000 UI/mL, enquanto no grupo B 78,3% apresentavam carga viral $>$ 2.000 UI/mL. Todos os 105 pacientes que tiveram o VHB genotipado apresentaram VHB genótipo D. **Conclusões:** A maioria dos pacientes é natural do oeste de Santa Catarina e seus familiares do estado do Rio Grande do Sul e Região do Mediterrâneo. Aminotransferases próximas aos limites da normalidade, AgHBe negativo e VHB genótipo D caracterizam os portadores de hepatite B crônica nesta região. A maioria dos pacientes do grupo A apresentou carga viral \leq 2.000 UI/mL e no grupo B carga viral $>$ 2.000 UI/mL.

Análise do impacto da vacinação contra hepatite B no número de casos confirmados no Brasil durante o período de 1996 a 2009

Tiago Nunes Santos, Luciano Freiberger, Julia Cardoso Vaz Dias, José Murilo Robilota Zeitune, Elza Cotrim Soares/ Hospital Universitário - Unicamp

A hepatite B é um problema de saúde pública no Brasil e no mundo. A Organização Mundial de Saúde estima que cerca de dois bilhões de pessoas já tiveram contato com o vírus da hepatite B (VHB), dos quais 350 milhões estão cronicamente infectados. No Brasil, estima-se que, pelo menos, 15% da população já teve contato com o VHB e que 1% dela apresenta formas crônicas. Subdivide-se o Brasil de acordo com a endemicidade. O VHB é transmitido por via percutânea ou por exposição de mucosas a sangue ou líquidos biológicos altamente infectantes. Desde 1998, o Programa Nacional de Imunizações, do Ministério da Saúde, recomenda a vacinação universal das crianças contra hepatite B em menores de um ano. A partir de 2001, a faixa etária alvo foi

ampliada até os 19 anos. Atualmente, indica-se imunização também para os adultos pertencentes aos grupos de risco. O objetivo deste trabalho é avaliar o impacto da vacina contra hepatite B no número de casos confirmados após o início do programa brasileiro de imunização. Foi analisado o número de casos confirmados de hepatite B através da detecção de marcadores sorológicos, incluindo formas agudas e crônicas, durante o período de 1996 a 2009, calculando-se a incidência anual dos casos confirmados por 100.000 habitantes em cada região brasileira, na população total, nas faixas etárias de zero a 19 anos e em menores de um ano. Posteriormente, avaliou-se a cobertura da vacina contra hepatite B durante o mesmo período em questão. Observou-se um aumento crescente e expressivo do número de casos confirmados ao longo dos anos. Foi evidenciada tendência de queda do número de casos confirmados de hepatite B nas regiões sul, sudeste, centro-oeste e nordeste quando analisou-se a população com idade de zero a 19 anos. Na faixa etária de menores de um ano, notou-se também tendência de queda nas regiões centro-oeste, sul e nordeste. Foi verificado um aumento significativo da cobertura vacinal referente à população-alvo a partir de 1998. É possível que o tempo decorrente entre a vacinação e a análise dos dados não permitiu ainda queda expressiva do número de pacientes com hepatite B.

COMENTÁRIOS

O intuito do Prêmio Jovem Gastro, em sua primeira edição, foi abrir espaço para gerar interesse e conhecimento sobre aspectos epidemiológicos regionais de doenças gastroenterológicas no Brasil¹. É comum que se cite sempre dados estatísticos do hemisfério norte, que são os que estão amplamente disponíveis em todos os meios de comunicação científicos mais confiáveis. Porém, como bem mencionado pelo Professor Eamonn Quigley, ex-presidente da Organização Mundial de Gastroenterologia (OMG), nesta cerimônia de premiação, é fundamental conhecer o que acontece no restante do planeta². Sem dúvida, cabe aos pesquisadores brasileiros revelar o que ocorre em cada meandro deste país, suas particularidades demográficas, genéticas e ambientais encontradas. Curiosamente, os dois trabalhos premiados trataram da hepatite B, questão mundial de saúde pública. A vacina para hepatite B passou a ser oferecida pelo SUS desde a década de 1990, inicialmente apenas na Região Norte, área endêmica e habitada por populações mais vulneráveis. Gradativamente, o programa de vacinação estendeu atendimento para todas as crianças recém-nascidas até adolescentes. Instituiu-se que o dia 28 de Julho é o Dia Mundial do Combate a Hepatites Virais, e a mídia frequentemente informa ações no sentido de ampliar compra de vacinas e de medicações para tratamento da hepatite B compradas.³

O trabalho de Santos e cols. analisa o impacto deste programa de vacinação para a hepatite B, tendo obtido números oficiais do Ministério da Saúde e da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS), a saber, indicadores de dados básicos do DATASUS, do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) e do Programa

Nacional de Imunizações (PNI). Os autores enfatizam a tendência de queda do número de casos confirmados de hepatite B nas crianças e jovens de todo o país, exceto da região norte. Esse perfil é inversamente proporcional à crescente curva da cobertura vacinal, embora reconheçam que o período seja escasso para conclusões claras.

A confiabilidade destes números, porém, esbarra em questões primárias, a começar da frequência com que os casos são notificados. Quantos médicos, mesmo os que atuam no serviço público na área de hepatologia, encontram condições de realizar a notificação de casos novos adequadamente? Como se assegura que o extenso formulário preenchido manualmente chega até as vias burocráticas finais, e de fato alimenta os números do SINAN? As tendências positivas reveladas por Santos e cols. deverão estimular os médicos a orientar os pacientes não vacinados durante suas consultas por quaisquer outras razões. Os números descritos de portadores crônicos neste trabalho dão respaldo para o Programa Nacional de Hepatites Virais (PNHV) que permite fornecimento gratuito dos antivirais indicados para o tratamento da hepatite B. Mas o mérito deste levantamento também é trazer à tona a questão do empenho ainda faltante para a confiabilidade e eficácia dos registros estatísticos brasileiros.

Já o trabalho de Da Nova e cols. arrebatou o primeiro lugar com sua minuciosa caracterização da hepatite crônica pelo VHB em uma população específica. O levantamento realizado caso-a-caso demandou pesquisa de registros *in loco*, até mesmo ligações telefônicas e encontros presenciais e envolveu estudo das rotas de migração na colonização da região. Mais ainda, os autores aprofundaram seu levantamento epidemiológico valendo-se de sofisticadas técnicas de biologia molecular. Como resultado, e na contramão dos dados mais alarmantes e ameaçadores a respeito da evolução da hepatite crônica B, os autores surpreendem ao revelar cargas virais reduzidas, sobrevida e taxa de complicações que traduzem tolerância dos hospedeiros no convívio com o VHB. Longe de minimizar a relevância do PNHV, estes resultados devem despertar nos jovens pesquisadores o desejo de compreender os motivos que permitem a essa população melhor tolerância à infecção crônica pelo VHB³.

Marta Mitiko Deguti

Coordenadora do Projeto Jovem Gastro FBG - Gestão 2008/2010

José Murilo Robilota Zeitune

Editor da Área de Gastroenterologia - Revista GED

REFERÊNCIAS

1. Prêmio Jovem Gastro www.jovemgastro.com.br
2. World Gastroenterology Organization.
3. Ministério da Saúde do Brasil. Ministério da Saúde. Profissional e Gestor. Hepatites. http://portal.saude.gov.br/portal/saude/profissional/area.cfm?id_area=1523